

UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE

Faculdade de Filosofia

Departamento de Graduação

Daniel Alexandre Ngovene

Das três metamorfoses do espírito à emancipação do Homem em Friedrich Nietzsche

(Licenciatura em Filosofia)

Maputo

Junho de 2022

Daniel Alexandre Ngovene

Das três metamorfoses do espírito à emancipação do Homem em Friedrich Nietzsche

Monografia Científica apresentar à Faculdade de Filosofia da Universidade Eduardo Mondlane como exigência parcial para a aquisição do grau académico de Licenciatura em Filosofia.

Tutor: *Mestre Azevedo Jacinto Witinense*

Maputo

Junho de 2022

DECLARAÇÃO DE HONRA

Eu, Daniel Alexandre Ngovene, titular do Bilhete de Identidade nº 090604311243I, emitido pela Direcção de Identificação Civil de Cidade de Maputo, aos 05/12/2019, declaro que este trabalho é da minha autoria; que todas as fontes estão devidamente citadas ao longo do texto e constam das referências bibliográficas. Declaro ainda que este trabalho não foi apresentado em nenhuma outra instituição para obtenção de qualquer grau académico.

Maputo, aos 27 de Junho de 2022

(Daniel Alexandre Ngovene)

À minha mãe, Anastácia Alberto Ndeve.

À minha avó Lizia.

Aos meus irmãos mais novos.

AGRADECIMENTOS

A Deus que me iluminou e tem iluminado meu caminho dia-apois-dia.

Ao meu tutor, *Mestre Azevedo Jacinto Witinse* pela disponibilidade e confiança manifestada, mas, acima de tudo, pela clareza das sugestões, recomendações e orientações dadas.

Aos docentes do curso de Licenciatura em Ensino de Filosofia da Universidade Eduardo Mondlane (UEM) pela experiência concedida.

Aos familiares e amigos por todo amor e carinho, e por entenderem os momentos de ausência.

Aos colegas de sala que com o tempo tornamo-nos irmãos, muito obrigado pela ajuda em vários momentos de dificuldade.

Às demais pessoas, que directa e indirectamente contribuiu para a minha formação e conclusão desta Monografia Científica.

Muito obrigado a todos vós!

A criança é inocência e esquecimento, um recomeço, um jogo, uma roda que se move por si mesma, um primeiro movimento, um sim sagrado.

RESUMO

Das três metamorfoses do espírito à emancipação do homem em Friedrich Nietzsche é o tema que se discorre nesta monografia. Através dele apresenta-se a percepção sobre a relativização de valores em um contexto em que urge a necessidade de uma reflexão sobre os conceitos, juízos morais, eterno retorno, *Übermensch*. O trabalho apresenta como questão fundamental: *‘até que ponto a sucessão triádica das metamorfoses do espírito, até a culminação do espírito da criança, possibilita uma emancipação do homem?’* Nietzsche para conceber a relativização de valores recorre aos pré-socráticos, que afirmavam a dualidade dionisíaca e apolínea, rejeitando a filosofia posterior a Sócrates. As questões que norteiam o trabalho são: Em que contexto Nietzsche desenvolveu o seu pensamento? Como se podem resolver os problemas da humanidade na actualidade? Até que ponto as três metamorfoses do espírito podem emancipar o homem? A pesquisa tem como objectivo geral reflectir sobre a sucessão triádica das metamorfoses do espírito à emancipação do homem por via da terceira metamorfose. Nietzsche propõe a relativização de valores como alternativa para a humanidade, que os povos se valorizem entre eles. A responsabilização dos homens pela morte de Deus significa que os homens se afastaram de Deus, como consequência deste afastamento perderam todos os valores que serviam de fundamento para a vida. Portanto, com o surgimento do novo homem que é o *Übermensch*, passa a dominar a terra, vivendo a eterna vivacidade do eterno retorno da vida pelo amor *fati*, sem a universalização dos valores.

Palavras-chave: Três metamorfoses do espírito, *Übermensch*, eterno retorno, amor *fati*, juízos morais

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO – I: CONTEXTUALIZAÇÃO DO PENSAMENTO DE NIETZSCHE	12
1. Vida e Obra de Friedrich Nietzsche	12
1.1. Vida.....	12
1.2. Obras do autor.....	13
2. Influências no pensamento de Nietzsche.....	16
II – CAPÍTULO: A AFIRMAÇÃO DA LIBERDADE DO HOMEM	22
1. O Desdobramento da filosofia dos pré-socráticos.....	22
2. Origem dos juízos morais	27
3. A Relativização dos valores	31
CAPÍTULO – III: O ESPÍRITO DA CRIANÇA ENQUANTO ESPERANÇA PARA A HUMANIDADE.....	35
1. O Eterno retorno enquanto percepção ética.....	35
2. O surgimento de <i>Übermensch</i>	36
3. As três metamorfoses do espírito	40
CONCLUSÃO.....	44
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	47

INTRODUÇÃO

Esta monografia tem como tema "*Das três Metamorfoses do Espírito à Emancipação do Homem em Friedrich Nietzsche*". A problemática da emancipação do homem foi e continua sendo uma questão de interesse filosófico para vários pensadores. Nossa pesquisa pretende dar um contributo referente a essa questão. O nosso tema, todavia, circunscreve-se ao pensamento do filósofo alemão Friedrich Nietzsche; e, delimita-se especialmente entre os períodos de 1872 a 1906, datas em que foram publicadas suas obras.

No pensamento nietzscheano existem várias vias de acesso à questão da emancipação do homem. Alguns usam a "morte de Deus" como meio para uma possível fundamentação da emancipação do homem; outros usam a ideia de *Übermensch* e, outros, ainda, usam a teoria do eterno retorno. Nós, entretanto, propomos uma via alternativa: a sucessão triádica das metamorfoses do espírito, que começa com o espírito do camelo e passa pelo espírito do leão, onde, após haver abandonado esses dois espíritos, culmina no espírito da criança. Este último é o que acareta maiores indícios de possibilidade de emancipação do homem, porque permitem a relativização de valores. Neste sentido, colocamo-nos a seguinte pergunta de partida, que dirimirá toda a pesquisa: até que ponto a sucessão triádica das metamorfoses do espírito, até a culminação do espírito da criança, possibilita a emancipação do homem?

Os motivos e as relevâncias de nossa pesquisa podem ser agrupados em três ordens: académica, social e pessoal. Os motivos de ordem académica são dois: (i) termos constatado a recorrência que a questão da emancipação do homem no pensamento nietzscheano é abordada ou sob o fundamento da "morte de Deus" (destruição das metanarrativas) ou sob a ideia do *Übermensch*. Assim, ao trazermos uma abordagem pouco convencional no tratamento da problemática da emancipação do homem em Nietzsche, isso tornam esta pesquisa relevante. (ii) Similarmente, devido ao carácter incomum da abordagem aqui proposta, espera-se que a pesquisa sirva, no futuro, de fonte de consulta para outros estudos referentes a esta questão. Assim sendo, a pesquisa mostra mais uma relevância na medida em que poderá se tornar num subsídio bibliográfico para pesquisas vindouras.

O motivo de ordem social que nos levou à realização da pesquisa advém de uma constatação que tivemos durante o dia-a-dia, inseridos na sociedade: em várias partes do mundo, de modo especial em Moçambique, existem camadas sociais que ainda se encontram debaixo da tutela

religiosa, da autoridade de Deus ou de um padre ou pastor, da autoridade das regras culturais e étnicas. Somente uma pequena parte conseguiu alcançar um certo tipo de emancipação (parte com certa cultura literária). É preciso libertar o homem de todo o tipo de sistema; torná-lo livre para fazer do seu destino aquilo que ele quiser. Assim, nossa pesquisa mostra uma relevância para a sociedade, na medida em que procura novas vias de lograr tal emancipação do homem.

No âmbito pessoal, a concretização da pesquisa afigura-se a uma realização para nós, pois nutrimos grande admiração pelo pensamento do filósofo Friedrich Nietzsche. Assim, realizar esta pesquisa de conclusão de curso tendo como base o pensamento deste filósofo representa um sonho alcançado.

A pesquisa tem como objectivo geral reflectir sobre a sucessão triádica das metamorfoses do espírito à emancipação do homem por via da terceira metamorfose. E como objectivos específicos: (i) contextualizar o pensamento de Nietzsche; (ii) debater em torno da necessidade do abandono do conservadorismo moral e da eliminação dos valores universais para a afirmação da liberdade do homem; e, (iii) fundamentar a emancipação do homem com base no espírito da criança.

O posicionamento defendido nesta pesquisa faz parte de um quadro teórico geral conhecido como teorias pós-modernistas. O pensamento de Nietzsche faz parte desse quadro teórico e é comumente chamado de niilismo. Esta é uma postura que busca a emancipação do homem por via da destruição de todos os valores universais e de todo o tipo de autoridade, seja ela religiosa, científica, moral, política, etc; no lugar destes, é colocado o vazio da existência humana: o homem fará de si mesmo aquilo que sua existência lhe possibilitar.

Dentro desse quadro teórico existe um quadro conceptual que deve ser clarificado. De modo particular, precisam ser clarificados os seguintes conceitos: eterno retorno, *Übermensch*, morte de Deus e três metamorfoses do espírito. O conceito de morte de Deus é apresentado na obra "A Gaia Ciência", no aforismo 125. Este conceito representa o rompimento dos valores universais do homem moderno. O sacerdote é tirado de seu pedestal de autoridade máxima para, em seu lugar, ficar um vazio (o niilismo), pois Deus representa o fundamento da moralidade.

Na obra "Assim falou Zaratustra" (Nietzsche, 2008: 39) introduz o conceito das três metamorfoses do espírito, a saber: camelo, leão e criança. O camelo é um animal de carga, que

metaforicamente carrega consigo todos os valores tradicionais sem se perguntar da utilidade dos mesmos na vida prática.

O leão é um animal selvagem, rebelde, por isso não aceita continuar a carregar os valores que o camelo carrega. Assim, o leão representa o homem que busca romper com o seu passado, com a tradição, com os costumes, todavia, ele não tem a capacidade de construir novos valores, pelo contrário, perde-se em sua vingança contra a tradição. É por isso que Nietzsche considera este espírito um perigo para a humanidade e a sociedade, pois a vingança inibe o progresso tranquilo e harmônico do tecido social. Por isso, há necessidade de se abandonar esses dois primeiros espíritos em prol do espírito da criança.

A fase da criança representa a fase da inocência, onde o medo de iniciar algo novo foi eliminado; a criança é ousada, diferentemente do camelo e do leão, ela está desapegada aos momentos do passado e tem possibilidade de criar novos valores.

Outro conceito importante é retirado das obras “Assim falou Zaratustra” e “A Gaia Ciência”. Nestas obras, o conceito de eterno retorno é retirado da antiguidade, em que o homem acreditava na reencarnação do espírito. Por isso, Nietzsche levanta uma máxima para a vida do homem actual: “*age de maneira que devas desejar viver de novo esta tarefa*” (NIETZSCHE *apud* VATTIMO, 2010: 8).

O homem actual deve viver tendo em conta que suas acções serão repetidas num futuro, quer seja breve quer seja distante. Por isso devemos abraçar este mundo, não ter medo de enfrentar o nosso destino, as nossas dores, as nossas excitações, os nossos fracassos, pois eles se repetirão por várias e várias vezes:

Esta vida, como você a está a vivendo e já viveu, você terá de viver mais uma vez e por incontáveis vezes; e nada haverá de novo nela, mas cada dor e cada prazer e cada suspiro e pensamento, e tudo o que é infelizmente grande e pequeno em sua vida, terão de lhe suceder novamente, tudo na mesma sequência e ordem e assim esse instante e eu mesmo. A perene ampulheta do existir será sempre virada novamente e você com ela, partícula de poeira! [...] você quer isso mais uma vez e por incontáveis vezes? (NIETZSCHE, 2001: 230).

Metodologicamente a pesquisa obedece o método bibliográfico, que consiste na recolha e análise de obras que permitem a percepção do tema em curso. Este método terá como suporte a técnica de hermenêutica textual, que consiste na compreensão e interpretação das obras que tratam do assunto em debate e a técnica de comparação textual que consiste no relacionamento comparativo dos materiais usados na pesquisa.

A monografia encontra-se dividida em três capítulos: no primeiro capítulo é contextualizado o pensamento de Nietzsche dentro daquilo que foi sua vida, sua obra e as influências que ele teve para o seu pensamento. O segundo capítulo mostra a necessidade de se abandonar o conservadorismo e os valores universais com vista a afirmar os valores relativos, pois somente assim é possível abrir espaço para uma emancipação integral do homem. O terceiro e último capítulo fundamenta que a partir da terceira metamorfose do espírito, que é o estágio da criança, o homem pode lograr sua emancipação na íntegra.

CAPÍTULO – I: CONTEXTUALIZAÇÃO DO PENSAMENTO DE NIETZSCHE

Neste capítulo contextualiza-se o pensamento filosófico de Friedrich Nietzsche de modo a compreendermos as relações entre sua vida, sua obra e as influências que teve para o seu pensamento, de Wagner a Schopenhauer, da filologia à filosofia, do cristianismo à morte de Deus. Assim, este capítulo cobre todo o percurso da formação e maturação da filosofia nietzscheana. No ponto 1 contextualiza-se o pensamento de Nietzsche em paralelo com os eventos que ocorreram em sua vida; e no ponto 2 contextualiza-se o pensamento de Nietzsche com base nas influências que teve para a consolidação de sua filosofia, desde os pré-socráticos a Schopenhauer.

1. Vida e Obra de Friedrich Nietzsche

1.1. Vida

Friedrich Wilhelm Nietzsche nasceu a 15 de Outubro de 1844 na Alemanha. Em 1849 o seu pai Carl Ludwig Nietzsche perdeu a vida, e a sua família mudou-se para Naumburg onde cresceu na companhia da sua mãe, avó e a irmã mais velha. Durante a sua juventude dedicou-se a leitura da bíblia com a intenção de seguir o exemplo do seu pai.

Em 1858, Nietzsche obteve uma bolsa de estudos na escola de Pforta, onde haviam estudado o poeta Novalis e o filósofo Fichte (1762-1814). Foi nessa época em que ele começou a se interessar pelas leituras de Schiller (1759-1805), Hölderlin (1770-1843) e Byron (1788-1824); sob essa influência e a de alguns professores, Nietzsche começou a afastar-se do cristianismo. Foi melhor aluno nas disciplinas de grego, alemão e latim. Também foi brilhante em estudos bíblicos, seus autores favoritos, entre os clássicos, foram Platão (428-348 a.c.) e Ésquilo (525-456 a.C.), no seu o último ano em Pforta, escreveu um trabalho sobre o poeta Teógnis (séc. VI a.C.).

Em 1858, Nietzsche frequentou os estudos de Teologia e Filosofia, mas sob a influência do seu professor Ritschl, foi obrigado a desistir para estudar a filologia, o curso mais relevante naquela época, onde dedicava-se a interpretação da literatura clássica, considerado estudo das instituições do pensamento.

Segundo Rodrigues (1999: 5), Nietzsche fez investigações sobre Diógenes Laércio, Hesíodo e Homero. É partir dessas investigações que foi nomeado 1869 como professor de filologia em

Basiléia e foi na mesma época que começou a compor obras musicais à maneira de Schumann, fez amizade com Wagner¹ e conheceu a filosofia de Schopenhauer².

Em 1870, a Alemanha entrou em guerra com a França, Nietzsche foi convidado para servir o exército como enfermeiro, mas não serviu por muito tempo porque ficou doente de difteria e disenteria, que acabou por passar mal toda a vida de dores de cabeça e de estômago e em 1879, pediu demissão do cargo de professor.

“Nunca tive tanto prazer em olhar para dentro de mim como nos períodos da minha vida em que estive mais doente...” (NIETZSCHE, 1992: 89). Ora, Nietzsche viu na doença uma oportunidade para expressar o seu sentimento perante o mundo. Em outras palavras foi graças a seus problemas de saúde que o não permitia ficar num único lugar devido a temperaturas, que lhe proporcionou a viajar em muitas cidades devido a clima favorável com a sua saúde. Foi nessas viagens de procura de melhores climas que se adequava as suas condições da sua saúde que escreveu maior parte dos seus livros, em 1889 caiu de cavalo³, veio a perder a vida em 1900.

1.2. Obras do autor

Nietzsche foi um filósofo, que pela sua forma de abordar ou ver o mundo, influenciou o Ocidente e escreveu várias obras tais como: “O Nascimento da Tragédia no Espírito da Música” (1872), “Humano, Demasiado Humano” (1878), “Aurora” (1881), “A Gaia Ciência” (1882), “Assim falou Zaratustra” (1884-5), “Para Além de Bem e Mal” (1886), “Crepúsculo dos Ídolos” (1889), “O Anticristo” (1895), “Ecce Homo” (1906) etc.

“O Nascimento da Tragédia no Espírito da Música” (1872), obra que Nietzsche dedicou a cultura grega antiga e os seus dois mestres Wagner e Schopenhauer, nessa obra ele valoriza a dualidade dionisíaca e Apolo, Nietzsche (1992: 71), o homem trágico vivia em contacto com a natureza e a sua preocupação é a de conhecer o mundo, não tem nenhum compromisso com uma vida após a morte ou com a dialéctica.

¹Wilhelm Richard Wagner (1813 -1883) foi um maestro, compositor, diretor de teatro e ensaísta alemão, primeiramente conhecido por suas óperas ou "dramas musicais.

²Arthur Schopenhauer (1788-1860) foi um filósofo alemão do século XIX, fez parte de um grupo de filósofos considerados pessimistas.

³A partir desse episódio começou a enviar mensagens estranhas para os seus amigos que dizia respeito a dionisio ou o crucificado.

“Na obra *Humano, demasiado humano*” (1878), Nietzsche dedica-se a renunciar as doutrinas dos seus mestres, para iniciar uma filosofia de espírito livre. Ora, em linhas gerais na obra *humano demasiado humano*. Ele anuncia uma filosofia do futuro, que iria julgar a todas as filosofias existentes até então, servindo-se de martelo sem se importar com as consequências que podia trazer aos bons conservadores das doutrinas ou teorias, a missão dos espíritos livres é trilhar caminhos já mais trilhados antes, para poder emancipar a filosofia e o próprio homem das suas invenções “*O homem dizia Nietzsche, é o criador dos valores, mas esquece sua própria criação e vê neles algo de `transcendente` de eterno e `verdadeiro` ; quando os valores não são mais do que algo `humano demasiado humano`” (RODRIQUES, 1999: 7). Sócrates foi o grande inventor das ideias decadentes que se encontra além do próprio homem, ele influenciou negativamente a forma de pensar do ocidente, porque ele considerou todo pensamento grego irracional, isto é, com o surgimento de Sócrates todo o saber da Grécia antiga foi abaixou e ele tornou-se o novo ídolo.*

“Na obra *o Crepúsculo dos Ídolos*” (1889) Nietzsche afirma que o homem criou o mundo inteligível ou o suprassensível que se encontra fora este mundo, e mais tarde se esqueceu dessa criação e passou a considera-lo superior a este mundo, inventou uma vida após a morte para depois pregar que vale a pena morrer para ir descansar, ou melhor, inventou a existência de uma alma que estaria presa no corpo. Nietzsche nessa obra pretende combater todos os ídolos usando martelo, isto é, não importante as consequências que possa ter, afirma que a razão é a causa pelo qual falsifica-se os testemunhos dos sentidos. Para Nietzsche, Sócrates é o primeiro ídolo a ser martelado com as suas teorias uma vez que para Sócrates a alma está presa no corpo e só com a morte pode se livrar.

Na obra “*Assim Falou Zaratustra*” (1883-5), Nietzsche faz um resumo dos problemas que ele procurou resolver na sua vida, tais como: *Übermensch*, Morte de Deus, Eterno retorno e o bem e o mal, são esses temas que norteia toda a obra nas quatro partes, Ele busca um profeta da persa que durante a sua vida, conheceu o bem e o mal, foi nesse instante que se afastou do homem para ir viver nas montanhas para observar em que é que o homem se tornou, e mais tarde regressa para a sociedade e percebe que alguns ainda conseguem o reconhecer, mas não sabem da novidade que ele traz para os homens.

Para Nietzsche (1999: 73), a Filosofia começa a desmoronar com o abandono do pensamento dos pré-socráticos, isto é, perde o seu estatuto epistemológico, que consistia na explicação da origem das coisas e da relação que o homem estabelece com a própria natureza. Os pré-socráticos conseguiam manter a dualidade dionisíaca e apolínea, por entender que a luta dos opostos é necessária para o espírito do homem. Com o surgimento de Sócrates inicia a decadência da dualidade dionisíaca e apolínea, onde este combate o espírito dionisíaco em detrimento do espírito apolíneo

“Fizera-se da realidade uma aparência, um mundo completamente forjado, o da essência, apresenta-se como a realidade” (NIETZSCHE, 2000: 26). O Homem criou o mundo inteligível ou o suprasensível que se encontra fora deste mundo, e mais tarde se esqueceu dessa criação e passou a considera-lo superior a este mundo, inventou uma vida após a morte para depois pregar que vale a pena morrer para ir descansar, ou melhor, inventou a existência de uma alma que estaria presa ao corpo enquanto o homem continua no sonho longo da vida.

A Existência de um mundo inteligível que Sócrates tanto defendeu ao tomar cicuta *“Sócrates queria morrer, não foi Atenas, mas ele quem a si próprio deu o copo de veneno, ele forçou Atenas a dar-lhe”* (NIETZSCHE, 1889: 32), ele achou ser a melhor decisão porque a alma dele iria se livrar do corpo, que tanto sofria por estar presa ao corpo. Foram essas invenções humanas que foram transmitidas em gerações, até ao ponto de se pensar que existem coisas que estão acima do homem, é tarefa do espírito livre recordar aos homens dessas invenções, que outrora não tinham nenhum significado na vida do homem, mas com aquele espectáculo que não trazia nenhuma alegria aos seus espectadores se não ao realizador do espectáculo passou a ser valorizado.

De um modo geral, na obra *Além do Bem e do Mal*, Nietzsche desenvolve uma verdadeira crítica da filosofia, da religião e da moral, apontando a questão do bem e mal como primeiro problema que pretende resolver. Na obra *“Genealogia da Moral”* (1987), Nietzsche investiga sobre a origem dos juízos morais, para descobrir qual é a origem do conceito bem e mal, onde vai afirmar que existem dois tipos de morais a dos escravos que enfraquece o espírito do homem e a moral aristocrática que fortifica o homem. Para Nietzsche a moral dos escravos surge em contraposição a vida, isto é, os cristãos durante muitos anos foram escravizado e para alterar a sua condição de escravos tiveram que transvalorizar os valores.

Em 1888, Nietzsche iniciou a obra *O Anticristo*, que só foi publicada em 1895, na qual faz uma comparação com outras religiões, criticando com veemência a mudança de foco que o cristianismo opera, uma vez que o centro da vida passa a ser o além e não o mundo presente.

2. Influências no pensamento de Nietzsche

O pensamento de Nietzsche é resultado da sua formação que consistia na interpretação dos textos antigos. Por isso, ele teve maior contacto com os filósofos antigos, por influência dos seus professores, ele abandonou a sua formação em filologia. Ora, dos filósofos antigos dos que exerceram grande parte do pensamento de Nietzsche pode se destacar Heráclito de Éfeso, apesar de ele considerar Tales de Mileto como o primeiro a filosofar na história da filosofia por ter conseguido afastar a filosofia dos mitos. No entender dele, a filosofia nasce na Grécia com afirmação de Tales de que tudo é um, ele não nega que outros povos tenham filosofado antes da Grécia antiga “... *germinou na Grécia apenas como importada a não de um solo natural doméstico, e até mesmo que ela, como algo alheio, antes arruinou do que beneficiou aos gregos [...] sabia retomar a lança onde um outro povo a abandonou, para arremessa-la mais longe*” (NIETZSCHE, 1990: 4).

Ora, Nietzsche, conclui que eles apenas souberam reaproveitar da cultura de outros povos. Por essa razão, ele afirma que não se pode dizer categoricamente que a Filosofia nasce na Grécia, mas eles souberam levar a Filosofia ao nível mais alto porque os outros povos tinham mais santos do que sábios enquanto na Grécia antiga tinha mais sábios. Nietzsche depois de tanto ler sobre a cultura grega e interpretar os fenómenos que levaram com que os gregos chegassem ao nível mais alto em relação aos outros povos, convida o Homem a valorizar as coisas humanas.

Segundo Nietzsche (1990: 10), os pré-socráticos centraram sua a atenção na natureza, e buscavam o princípio primordial de todas as coisas na Natureza, são chamados de filósofos naturalistas, pois os mesmos se propuseram a dar uma explicação racional do elemento primário de todas as coisas que existem no *Khosmos* (cosmos, natureza, universo), distanciando-se ou rompendo-se com a explicação mítica do princípio primordial das coisas. Os pré-socráticos estavam convictos de que do nada não pode vir nada e queriam explicar a mudança (do devir), podendo encontrar a estabilidade diante do múltiplo, descobrem o uno. Ora, ao indagar-se sobre o

cosmo do caos surge o mundo ordenado. Os primeiros filósofos queriam encontrar o princípio de todas as coisas (*arché*), o elemento primordial de todas as coisas que existe no mundo.

“Diante do triunfo da ciência e do capital, são os filósofos pré-socráticos o modelo para uma forma de viver livre do domínio das normas e controles da sociedade moderna” (ARALDI, 2020: 28). Ora, a humanidade está a cada vez mais afastar-se do mundo para incomodar os seus interesses, sem se importar com as consequências que possa advir por meio destas práticas. Portanto, é necessário regressar aos pré-socráticos para buscar o modelo ideal pelo bem da humanidade.

A forma como pensavam os pré-socráticos influenciou muito Nietzsche durante a sua formação, uma vez que eles excluía qualquer forma sobrenatural no que concerne a origem das coisas, em relação a outros povos que buscava fundamentar a origem das coisas, mas baseando se em seres sobrenaturais. Nietzsche afirma que Tales de Mileto⁴ foi o primeiro filósofo.

No que concerne, a busca do princípio de todas as coisas (*arché*). Tales de Mileto é considerado como o fundador da filosofia. Foi ele que, pela primeira vez, se afastou da explicação mítica sobre a origem do universo, e buscou a origem do universo usando a razão *“... o primeiro a afirmar a existência de um princípio originário único, causa de todas as coisas que existem, sustentando que esse princípio é a água”* (ANTISERI e REALE, 2003: 29). É preciso muita cautela quanto a utilização da expressão razão no que concerne aos pré-socráticos porque eles não distinguia o uso dos sentidos e a razão.

Segundo Nietzsche (1990: 9), Tales de Mileto é considerado como o primeiro filósofo por três motivos: Tales explica a origem das coisas partindo de algo material; tenta esclarecer que a origem das coisas não pode ser explicada partindo de algo sobrenatural; e, por fim, afirma que a água é origem de todas as coisas. É desta forma que concebe um uno como o elemento que vai gerar a multiplicidade das coisas. Ora, na primeira fase Tales continua com a ideia dos mitos mais na segunda sai dos mitos e na terceira se torna-o primeiro filósofo.

Nietzsche demonstrava uma grande admiração pela cultura clássica, isto é, com a vida que era levada pelos gregos da era pré-socrática. Segundo Nietzsche estes sabiam aproveitar a vida,

⁴ Tales de Mileto nasceu na Jônia por volta do século VII a.C. e morreu no século VI a.C.

independentemente das circunstâncias em que eles se apresentavam, sabiam aproveitar os momentos,

“Para o sofrimento oculto, não descoberto, não testemunhado, pudesse ser abolido do mundo e honestamente negado, o homem se viu então praticamente obrigado a inventar deuses e seres intermediários para todos os céus e abismo, algo, em suma, que também vagueia no oculto, que também vê no escuro, e que não dispensa facilmente um espetáculo interessante de dor [...] toda a humanidade antiga é plena de terna consideração pelo espectador, sendo um mundo essencialmente público visível, que não sabia imaginar a felicidade sem espetáculo e festas, e como já disse, também no grande castigo há muito de festivo” (NIETZSCHE, 2000: 24).

Heráclito de Éfeso é considerado por Nietzsche como sendo o filósofo que pela primeira vez conseguiu explicar a dualidade entre as culturas, enquanto para Tales de Mileto existia apenas uma cultura que podia gerar outras culturas (obviamente essa seria a cultura grega). Heráclito de Éfeso apresenta o devir das culturas ou por outra a perpétua mudança das coisas, o devir como origem de todas as coisas.

Nietzsche procurou interpretar o filósofo considerado pelos seus conterrâneos como obscuros, talvez por essa razão ele mesmo acabasse por ser considerado obscuro por pensar como outros filósofos da sua época. Portanto, Heráclito exerceu grande influência no pensamento de Nietzsche “*Só vejo o devir. Não vos deixeis enganar! É a vossa vista curta e não a essência das coisas que se deve o facto de julgares encontrar terra firme no mar do devir e da fixa; mas até o próprio rio, no qual entráis pela segunda vez, já não é o mesmo que era da primeira vez*” (NIETZSCHE, 1990: 16).

Ora, Heráclito conseguiu corrigir o pensamento de Anaximandro e ir além do pensamento de Tales, ele nega a dualidade de dois mundos que Anaximandro concebeu nas suas explicações sobre a origem do universo, alegando que existia dois mundos onde as coisas estiveram antes de vir a este e por fim terá que retornar de onde vieram para o julgamento pelos os seus actos neste mundo.

“*Desse mundo do injusto, do insolente declínio da unidade originária das coisas, Anaximandro refugiou-se em um abrigo metafísico...*” (NIETZSCHE, 1990: 14). Anaximandro busca algo que não existe neste mundo e pretende explicar este mundo. No entender de Nietzsche essa é uma das razões que as outras culturas não beneficiaram os gregos porque tentavam retardar o pensamento

dos gregos com a sua forma de conceber os dois mundos, conforme explicou-se acima que os outros povos tinham santos e os gregos tinha sábios, por isso os santos acreditavam na dualidade de dois mundos totalmente diferentes.

Para além de filósofos antigos que influenciaram o pensamento de Nietzsche, podem-se destacar dois pensadores que mudaram a vida de Nietzsche para sempre, como pode se ver na obra “O Nascimento da Tragédia”. Friedrich Nietzsche formou-se em Filologia, mas com a leitura do livro de Schopenhauer⁵ começou a se interessar pela Filosofia. Foi por muito tempo fascinado pelo pessimismo de Schopenhauer e também foi impressionado com o trabalho de Ricard Wagner, via a música como um instrumento que pode renovar a cultura da sua época.

“Em Humano, Demasiado Humano”, Nietzsche afasta-se de Schopenhauer e de Wagner, iniciando uma filosofia do futuro que denominou de espírito livre. Nietzsche afirma que ficou cego pela vontade moral de Schopenhauer por muito tempo na sua vida e também que se enganou com o romantismo incurável de Wagner acreditando que era o início enquanto era o fim.

“...De maneira consciente caprichosa fechei os olhos a cega vontade de moral de Schopenhauer, num tempo em que já era claridade o bastante acerca da moral, e também que me enganei quanto ao incurável romantismo de Richard Wagner, como se ele fosse um início e não um fim” (NIETZSCHE, 1998a: 5).

A relação de Nietzsche e Wagner foi tão profunda até ao ponto de ele na sua autobiografia no livro “*Ecce Homo*”, afirmar que não imaginaria a sua juventude sem a música de Wagner. “*Após constatar a morte da tragédia grega, o jovem Nietzsche projecta todas as suas esperanças, no génio da música Wagner*” (ARALDI, 2020: 27). Ora, Nietzsche acreditava que só por meio da cultura artística é que podia haver o renascimento da Tragédia Grega, visto que no mundo moderno a cada vez mais o triunfo das ciências naturais e a industrialização, e que o crescimento da industrialização põe em causa as condições dos seres humanos. Contudo, ele confessa o seu descontentamento pelo seu ídolo da juventude que nunca o perdoou por ter se aliado ao império alemão, que pretendia a super valorização da cultura alemã em relação outras culturas e com intenções de querer eliminar as raças inferiores, que pregavam que todos deveriam curvar-se a raça alemã.

⁵ O mundo como vontade e como representação

Nietzsche sempre entendeu que a música é a única arte que não tinha limites culturais, porque expressa os instintos do homem trágico perdido na Grécia antiga, que tem a dimensão dionisíaca, onde o foco principal é alegria e o prazer da vida “*Sem prazer não há vida, a luta pelo prazer é a luta pela vida*” (1998a: 104), foi nestas circunstâncias que Wagner se tornou o ídolo do discípulo do Dionísio.

Nietzsche acreditava que por meio da música ou das composições de Wagner, podia se unificar as culturas que tinham sido aniquiladas pelas Guerras que aconteceram ao longo da história. Porém, ao se perceber que as composições de Wagner eram usadas pelo império alemão, isto é, eram compostas ao serviço do império, revolta-se contra o seu mestre, por este ter-se desviado das suas ideias da busca do homem trágico.

Nietzsche identificou dois tipos de pessimismo: o primeiro pessimismo é o dos românticos, isto é, espírito estando cansado de viver, sentir a dor e o sofrimento, decide renunciar a vida. Para Nietzsche (*ibidem*, 95), Schopenhauer é herdeiro dos valores do cristianismo e neste sentido, que compara este pessimismo como o do cristianismo que por tanto sofrer, sentir a dor, inventaram vida depois da morte, a favor de um outro mundo melhor.

O segundo pessimismo consiste em aceitar a vida, mesmo sabendo do sofrimento, sentindo a dor. Nietzsche vê nesse segundo pessimismo o que Wagner designou de arte, isto é, pensa que o único instrumento que pode levar o homem a superar a dor e o sofrimento é a arte e a diversão.

Por fim, Nietzsche critica o idealismo afirmando que “*todo o idealismo é mentira em face da Necessidade ...*” (*ibidem*, 60). Os idealistas criaram o mundo que não existe (anti-mundo), para explicar este mundo. Portanto, Para Nietzsche a única realidade objectiva é o mundo material e sensível. Critica o positivismo por acreditar que o único meio para alcançar o conhecimento é a ciência e estabelece teorias que devem ser eficazes na resolução de qualquer problema e, ele entende que o mundo é infinito e pode ser interpretado de várias maneiras, cada um pode interpretar a sua maneira.

“Até onde vai o carácter perspectivista da existência, ou mesmo se ela tem algum outro carácter, se uma existência sem interpretação, sem sentido, não vem a ser

justamente absurda [...] o mundo tornou-se novamente infinito para nós: na medida em que não podemos rejeitar a possibilidade de que ele encerre infinitas interpretações [...] estão incluídas demasiadas possibilidades não divinas de interpretação nesse desconhecido, demasiada diabola, estupidez, tolice de interpretação a nossa própria, humana, demasiado humana, que bem conhecemos” (NIETZSCHE, 2001: 278)

Uma das abordagens que Nietzsche suscita nos seus livros é a questão do carácter perspectivista da existência, isto é, para ele a diversidade torna o mundo ainda melhor do que é, as várias perspectivas sobre como se pode explicar os fenómenos que ocorre na sociedade e na natureza. Nietzsche considera que a forma como os antepassados interpretava o mundo, pode ser tomada como ponto de partida, porém, não como um fim, a nova geração é convidada a tecer as suas interpretações conforme as novas realidades, tendo que isso vai permitir que eles tenham mais capacidade de ter o controlo dos fenómenos. Ora, as novas interpretações deve ser humanas não pode ter nenhum vínculo com um ser divino.

Em forma de conclusão para este capítulo, sintetizamos os seguintes aspectos: a vida de Nietzsche ocorreu entre 1844 e 1900. Seu pensamento, todavia, remonta aos filósofos pré-socráticos, da antiguidade grega. O filósofo antigo mais admirado por Nietzsche era Heráclito. De Heráclito e dos pré-socráticos Nietzsche herdou a atenção para a natureza, para o mundo material, não para um mundo inacessível e fictício, o mundo dos cristãos. Heráclito via o devir nos fenómenos, um eterno retorno dos acontecimentos, que Nietzsche acabou por adoptar e modificar para a sua filosofia. Em sua época, teve influências decisivas por parte de Schopenhauer e Wagner. Por mais que tenha se fascinado pela vontade moral de Schopenhauer e pelo romantismo de Wagner, posteriormente Nietzsche viu-se forçado a abandonar as posturas desses dois pensadores para poder criar sua própria filosofia, a do espírito livre. E é sobre essa filosofia da liberdade, da emancipação do homem, que a presente monografia se ocupa.

II – CAPÍTULO: A AFIRMAÇÃO DA LIBERDADE DO HOMEM

Neste capítulo, realiza-se um debate em torno da necessidade da saída do conservadorismo moral que caracterizou o homem moderno. E, igualmente, procura-se debater em torno da destruição dos valores universais que representam as metanarrativas, com o objectivo de afirmar a relativização dos valores. Deste modo, abandona-se o apego à moralidade universal que é prejudicial a sociedade inserida no seu contexto e na sua história. Os valores relativos ajudam sociedades específicas e particulares a progredirem: cada sociedade precisa de uma moral particular. No ponto 1 mostra-se o resgate nitzscheano da dualidade apolínea e dionisíaca do mundo grego para a reinterpretação do homem actual. No ponto 2 fundamenta-se que a raiz dos juízos morais reside na tentativa de a sociedade domesticar o homem impondo-lhe regras e valores aceites dentro dessa mesma comunidade; este ponto culmina no ponto 3, que argumenta a favor da relativização dos valores morais por meio do vazio existencial em que o homem se encontra, onde não mais é dirigido por qualquer moralidade a ele imposta.

1. O Desdobramento da filosofia dos pré-socráticos

Nietzsche defende que a dualidade “razão e imaginação” são de capital importância para o espírito do Homem, na medida em que fazem uma reconciliação entre a realidade interior e exterior do Homem; possibilitam que o Homem tenha o reconhecimento de si mesmo, e que seja tomado no seu todo, e não em parte como tem acontecido actualmente. Foi por essa união (razão e imaginação) que permitiu com que o Homem valorizasse os mitos, os saberes locais, de modo que a sua implementação não dependesse de seguir métodos universais.

“...*União do apolíneo e do dionisíaco; sua prodigiosa propagação, que se estende por todos povos e cresce sempre com novos frutos, nos é testemunha de quão forte é esse duplo impulso da natureza...*” (NIETZSCHE, 1999: 48). Nessa perspectiva o saber era avaliado em função da sua utilidade, na sociedade, que permitiu também a valorização das obras de Homero e Hesíodo, que fosse visto de uma outra forma de expressar a realidade, sem que os homens se deixassem levar por essa realidade que eram apresentados através dos deuses, que representava as coisas que iam além do que era habitual na sociedade. Uma forma de estender a imaginação do homem, isto é, o que era impossível que os homens realizassem era atribuído a um Deus, para poder complementar vontades humanas, que essas funções permitiram aos gregos a invenção de muitos deuses.

Segundo Nietzsche (1999: 41), essa dualidade é classificada como algo muito relevante para o Homem, no que concerne ao avanço da humanidade. Foi nesse espírito que ele classificou a Grécia pré-socrática como a que desenvolvia uma filosofia da *physis*, que buscava manter o Homem em contacto com a natureza. Eles investigavam sobre a origem da natureza, os movimentos da natureza e, por sua vez, não prestavam nenhum favor a natureza, a não ser a sua própria natureza. Nietzsche considera o Homem como uma parte da própria natureza, onde este ao longo da história foi afastando-se das suas origens devido ao grande constrangimento da vida.

“A tragédia grega sucumbiu de maneira diversa da de todas as outras espécies de arte, suas irmãs mais velhas: morreu por suicídio, em consequência de um conflito insolúvel, portanto tragicamente, ao passo que todas as outras expiraram em idade avançada, com a mais bela e tranquila morte” (NIETZSCHE, 1999: 72).

Nos primórdios o Homem mantinha-se em contacto directo com a natureza, Nietzsche concorda com as ideias de Charles Darwin⁶ sobre a evolução das espécies, porém, ele é da opinião de que o que faltou aos primórdios a capacidade intelectual, para desvendar o mistério da natureza, porque eles encontrava-se em contacto directo com a natureza. Contudo, foi necessário que se passa tantos séculos até o século VI a.C., para que o homem começasse a se perguntar sobre a sua origem, e que obviamente começou a pesquisar sobre a origem da natureza, enquanto pretendia saber sua própria origem.

Sócrates aproveitou dessa falta de atenção dos mestres para convencer os gregos a abandonar a sua filosofia *“a divindade, que falava por sua boca, não era Dionísio, tampouco Apolo, porém um demónio de recentíssimo nascimento, chamado Sócrates. Eis a nova contradição: o dionisíaco e o socrático, e por causa dela a obra de arte da tragédia grega foi abaixo”* (NIETZSCHE, 1999: 79). Colocou todo o esforço dos mestres abaixo criando uma ruptura com as suas investigações para iniciar outra forma que afasta o Homem do seu mundo real. Numa espécie de levar o homem a olhar para o seu interior que culminou com o desprezo do corpo para

⁶ Charles Darwin (1809-1882) foi um naturalista e cientista inglês. Autor de *“Origem das Espécies, através da Seleção Natural”*, foi uma das figuras mais importantes sobre o evolucionismo e origem da vida.

a valorização da alma, iniciando outra fase da decadência que culminou com o empobrecimento de todo o pensamento do Homem ocidental.

No entender de Nietzsche (1999: 85), Sócrates afirma que o pensamento trágico era guiado pelo seu instinto irracional, e que era necessário que se abandonasse todas as ideias do Homem trágico, para que o Homem possa pensar de forma racional, para permitir que construa um futuro melhor para humanidade. Foi através dessa concepção que nasceu a moral, para conduzir as condutas dos homens na sociedade de modo a seguir os bons costumes, o que Nietzsche considera costume do populacho, onde o estado no seu todo afirma que todos os homens são iguais, e que deve seguir as mesmas regras e tornado o homem cada vez mais fraco e domesticado.

Nietzsche (1990: 7), reclama por uma perda significativa do pensamento original da Grécia antiga, onde a filosofia era expressa de forma original e que todo o pensar levava o Homem a afirmação da vida e para alegrar os instintos do Homem. Nessa época, fizeram-se as grandes descobertas da humanidade e, por consequência, todo o filosofar posterior adulterou toda essa forma de pensar e viver dos mestres antigos.

Nietzsche (1999: 73), afirma que o facto de se ter perdido a parte do pensamento dos filósofos pré-socráticos, influenciou para o surgimento da Dialéctica⁷. Uma vez que não houve copiadorees fiéis destes mestres, e apenas só restou alguns fragmentos onde maior parte do pensamento que continha o pensamento original perdeu-se. Essa perda permitiu aos homens dialécticos para falsear todo o saber da antiguidade clássica, que nega toda forma de pensar e de viver destes mestres, que era optimista a vida e que tinha o pleno prazer por tudo o que rodeava o homem, sem fugir do mundo e criando teorias para servir de modelo, apenas firmava o momento e a exaltação do homem trágico, sabia defender a pátria, sem exaltação ou criação de um Estado ideal onde todos os homens seriam iguais.

“É uma grande desgraça que tenhamos conservado tão pouco destes primeiros mestres, da filosofia e que só nos tenha chegado fragmentos” (NIETZSCHE, 1990: 7). Nietzsche convida os

⁷ Dialéctica representa a síntese dos opostos pode se verificar na filosofia platónica

homens a rejeitar toda a filosofia posterior a Sócrates, porque essa filosofia prega a universalização das culturas, uso da razão, que culminou no uso da fé na idade medieval, o que esta nova forma de filosofar traz no campo filosófico é a universalização das coisas, isto é, queria criar um mundo perfeito, sem diversidade, e que todos deveriam seguir a mesma forma de pensar. Os mesmos valores morais, todas as sociedades deviam ter o mesmo conceito do bem e do mal, foi por essas razões que Sócrates⁸ e todo o seu elenco destruíram a filosofia dos mestres para afirmar uma filosofia que nega a condição do homem para torna-lo racional e civilizado.

“Com a morte da tragédia grega, ao contrario, surgiu um vazio enorme” (NIETZSCHJE, 1992: 73). Nietzsche confessa a sua decepção com nova forma de filosofar, que é orientado no sentido apolíneo. Pois, houve rupturas com Dionísio e, como consequência, dessa ruptura, constatou-se um regresso da humanidade. Para ele, filosofia dos gregos antigos servia para o avanço da humanidade, porque exaltava afirmação da vida acima de qualquer interesse humano, isto é, opunha a uma auto exclusão com qualquer forma de pensar e com as outras culturas de outros povos.

Para Nietzsche (1999: 89), na era Socrática a filosofia assume um novo papel de negar a condição primordial do próprio Homem, e elava a uma cultura superior de modo a subjugar as outras culturas, negando o pensar diferente, isto é, quem tem uma opinião diferente é excluído. Contudo, para o bem da humanidade é preciso que as sociedades actuais comecem a reflectir sobre a vida que pretende oferecer aos seus filhos no futuro. Parte-se do pressuposto de que qualquer povo deseja que os seus costumes sejam valorizados pelos seus filhos, porém, muitos destes povos permitem que os seus filhos adiram as culturas alheias, as ditas civilizadas e renuncias as suas culturas.

Segundo Castiano (2013: 3), a filosofia é a fundamentação das condições humanas, é a possibilidade da existência, ela tem a tarefa de legitimar a própria existência do homem, socorrendo-se da história. De salientar que cada sociedade tem sua forma de interpretar os fenómenos que coincidem com a existência humana na terra. Não se pode universalizar a interpretação dos fenómenos da existência, por isso é estranho essa nova filosofia que nega a cultura de outros povos, apesar de se afirmar que é superior em relação as outras culturas.

⁸ Sócrates (470 a.C.-399 a.C.) foi um filósofo grego, é considerado como o "precursor da filosofia", uma vez que o seu pensamento marcou a filosofia ocidental

“... O socratismo condena tanto a arte quanto a ética vigente; para onde quer que dirija o seu olhar perscrutador, avista ele a falta de compreensão e o poder da ilusão; dessa falta, infere a íntima insensatez e a detestabilidade do existente. A partir desse único ponto julgou Sócrates que devia corrigir a existência: ele, só ele, entra com ar de menosprezo e de superioridade, como precursor de uma cultura, arte e moral totalmente distintas, em um mundo tal que seria por nós considerado a maior felicidade agarrar-lhe a fimbria com todo o respeito” (NIETZSCHE, 1999: 85).

Sócrates cometeu o erro por ter julgado que a existência estava atrasada com a arte da tragédia que valorizava apenas o instinto. Foi nesse esforço que ele entendeu que podia corrigir a existência, entrando com um ar de menosprezo e de superioridade. Ele inventou o daimon, isto é, uma divindade que ajuda a distinguir entre o bem e o mal, onde o instinto se converte em crítico, contrapondo o instinto da força afirmativa e criativa.

Para Sócrates, o Homem só se desvia da virtude da prática do bem por ignorância, os instintos e as aparências são formas que a maior parte de homens seguem e é por essa razão que se desvia da prática do bem, para satisfazer os seus desejos. Ora, o que distingue o Apolo e Dionísio, é a forma como cada um concebe a vida. Para Apolo, tudo deve seguir uma ordem enquanto para Dionísio nada a seguir se não apenas o instinto da embriaguez “*os gregos são, como dizem os sacerdotes egípcios, eternas crianças, e também na arte trágica são apenas crianças que não sabem que sublime brinquedo nasceu sob suas mãos*” (*ibidem*, 104). Foi essa embriaguez que fez com que os gregos superassem outros povos na sua forma de pensar e na super-valorização das culturas de outros povos. Por isso descobriram as coisas ocultas nas culturas de outros e soubera desvendar.

“...Sócrates e Platão são sintomas de decadência, instrumentos da decomposição grega, pseudo-gregos, antigregos” (NIETZSCHE, 1889: 26). No entender de Nietzsche, esses filósofos são responsáveis pelo desaparecimento da tragédia grega, porque foram eles que pregaram a ideia de que o Homem virtuoso é que podia gozar da felicidade, e a ideia de que a alma esta presa ao corpo, e só podia se salvar quando voltar ao mundo supra-sensível onde esteve antes de ser presa no corpo, falsearam o mundo sensível para inventar um mundo supra-sensível e que toda arte devia conectar o Homem do mundo inteligível e a que não fizesse isso devia ser eliminado na

sociedade, tinha a missão de afastar a arte do mundo das aparências para o mundo verdadeiro, porém, foram muito longe ao afirmar que a vida não vale nada. Sócrates alega que viver é estar enfermo, isto é, ele preferiu a morte, porque era a única condição para salvar a sua alma do corpo, um pessimismo contra a vida.

Ora, pode se constatar que essa nova visão e que ao mesmo tempo é contrária aos mestres gregos que a sua forma de pensar era afirmação da vida mesmo diante do sofrimento. Segundo Nietzsche (1999: 102), Sócrates é um doente, que envenenou a tragédia grega. Ele alterou todo o gosto grego, a favor da dialética, toda a moral que pretende aperfeiçoar a vida do Homem, e que nega o seu instinto deve ser um equívoco.

2. Origem dos juízos morais

Nietzsche, ao investigar sobre as origens das acções dos homens em diferentes sociedades, constatou que as acções do Homem não tem o mesmo significado em todas as sociedades “*as acções altruístas foram aclamados e descritas como boas por aqueles a quem era dirigidas, e, portanto, para quem era úteis*” (NIETZSCHE, 2002: 39).

Ele acredita que as acções altruístas foram inventadas pelos povos para beneficiar aqueles que se consideravam inferiores, isto é, indefesos por serem fracos que não podiam se defender dos outros homens⁹, que tinha o domínio e a força para controlar as suas vidas sem depender de um ser superior a eles, os escravos inventaram a ideia de que o Homem forte era mau e o Homem fraco era bom. Foi nestas circunstâncias que se originaram os juízos morais para controlar as acções do Homem. “*Em todos os tempos se quis melhorar os homens: a isto sobretudo foi a que se deu o nome de moral. Porém sob a própria palavra esconde-se as tendências mais díspares. Tanto a domesticação da besta homem como a criação de uma determinada espécie de homem...*” (NIETZSCHE, 1889: 64).

Segundo Nietzsche (2006: 25), a moralidade é a obediência aos costumes, que consiste em avaliar as acções do Homem no seu agir no meio da sociedade em que se encontra inserido. Neste sentido, o Homem é obrigado a agir conforme os costumes da sociedade, que será julgado ou terá mérito caso ele cumpra o seu dever de obedecer aos costumes. Os bons conservadores para poder

⁹ Os senhores

controlar as acções do Homem tiveram que o domesticar, de modo que visse nos costumes algo superior a ele, que deveria se sacrificar para cumprir e obedecer aos costumes, independentes das consequências que lhe poderia sofrer por causa desses costumes, foi nessa perspectiva que a humanidade cometeu as piores atrocidades.

Os juízos morais não têm outra utilidade senão a de controlar condutas dos homens no meio da sociedade. “ *A moral é unicamente uma interpretação de certos fenômenos, dito de forma mais precisa, uma interpretação falsa*” (NIETZSCHE, 1889: 63). Por isso, difere-se de sociedade em sociedade, todo aquele que não segue os costumes é considerado Homem mau e é excluído na sociedade. Tudo indica que é prática comum tirar a vida de quem não segue os costumes nas sociedades onde ainda existe povos.

O mundo vive, actualmente acreditando que as acções altruístas são superiores ao Homem, o que significa que ele se esquece das suas invenções e passa adora-los até ao ponto de negar a si mesmo, isto é, de desfrutar dos prazeres da terra. O Homem domesticado acha-se incapaz de trilhar o seu próprio caminho sem obedecer a uma autoridade ou costumes que tem a capacidade de decidir tudo por ele, uma autoridade que sabe dizer o que é bom e o que não é bom. “ *o homem é o criador dos valores, mas esquece sua própria criação e vê neles algo de ‘transcendencia’ de eterno e ‘verdadeiro’ quando os valores não são do que algo humano demasiado humano*” (NIETZSCHE *apud* RODRIQUES, 1999: 7).

Ora, os homens transformaram as acções humanas para atribuir os ser imaginários, e isso enfraqueceu o espírito do homem, até ao ponto de sentir o ressentimento (culpar os outros pelos seus actos). O Homem trágico que afirmava a vida e a responsabilidades dos seus actos e o destino da sua vida pelo amor *fati*¹⁰ o Homem moral culpa os outros pelos seus actos não tem coragem de assumir as consequências dos seus actos, porque é fraco, não é autónomo para agir sem depender dos outros. A maioria dos homens fracos são cristãos porque eles acreditam que tudo o que lhe acontece vem de Deus ou do Diabo enquanto o budista assume as suas acções e a responsabilidades dos mesmos, por isso faz uma reflexão para o interior e não fica esperando milagre do céu.

¹⁰ Amar o destino

Para Nietzsche (1998: 31), o Homem tornou-se estrangeiro dentro de si mesmo, uma vez que sempre se preocupa em alimentar o espírito, mas não faz nenhuma avaliação do seu interior. Para saber se o que alimenta o seu espírito o torna melhor ou pior, é nessa perspectiva que ele afirma que o homem está condenado a enganar a si, porque vive distante de si. Ora, o espírito do camelo não tem a capacidade de reflectir em torno dos valores porque acredita nas autoridades que ditaram esses valores e que esses sacerdotes podem decidir por ele o que é bom e o que não é.

Segundo Nietzsche (1998: 49), existe dois tipos de moral que são moral dos escravos e a moral dos aristocratas. O que distingue ambos é a sua forma de conceber o homem, a moral aristocrata defende a diferença entre as classes sócias, deve existir leis dos escravos e dos senhores. Neste caso os fortes deveria tomar conta dos fracos tendo em conta que esses têm a capacidade de avaliar os seus actos sem depender das autoridades e trilhar o seu próprio caminho. Porém, a moral dos escravos é contra a moral aristocrata alegando que o forte é homem mau só o Homem humilde é virtuoso, o forte é pecador, só os fracos é que merece a vida eterna. Ora, os judeus alteraram a moral aristocrata que afirmava a vida e que era diferente da moral dos escravos que nega a vida, e a culpabilidades dos seus actos, atribuindo Deus.

“os judeus, aquele povo sacerdotal que em última análise não conhecia outra forma de reclamar satisfação dos seus inimigos e conquistadores a não ser através de uma transavaliação radical dos seus valores, através de uma arte de vingança mais inteligente” (ibidem, 44). Nietzsche reconhece que a moral dos escravos venceu, isto é, conseguiu expandir-se em relação a moral dos senhores, e essa derrota continua a ter efeitos colaterais até actualmente, retardando o avanço da humanidade, ainda querendo manter o Homem domesticado e pelo ressentimento. No entanto na natureza existe um devir que coloca em constante conflito os interesses da moral dos escravos e de senhores, que é a vontade de poder, que existe no Homem e não depende dessas forças para viver porque esta além do bem e do mal, a reflexão sobre a origem dos juízos morais coloca o Homem a pensar sobre as suas acções no que concerne a sua própria vida.

Nietzsche (2000: 122) afirma que a compaixão não permite ao homem ver a vida de forma selectiva. A concepção cristã sobre Deus, até então já causou imensos prejuízos, na medida em que perdeu-se a herança da cultura antiga, para muitos povos que não concordam com sua concepção misteriosa. Só eles foram escolhidos para anunciar ou pregar a salvação e os outros povos não foram escolhidos para ser salvos e que devem renunciar os seus próprios valores, o que

coloca em causa a sua dignidade humana, o que pode culminar em subjugação total, perante essas visões que consideram superior em relação a outras.

“Nós próprios, nós os espíritos livres, somos, aqui e agora, uma transmutação de todos os valores, uma autentica declaração de guerra, vitoriosa, a todas as velhas concepções do verdadeiro e do falso” (NIETZSCHE, 2000: 29). Para Nietzsche a vida só pode ser sentida e vivida quando os homens renunciarem essa forma de pensar que alguns povos ou indivíduos querem colocar-se como superior em relação a outros, ele entende que a visão cristã “tudo não tem sentido” é apenas uma das interpretações. O cristianismo inventou a vida depois da morte para justificar a sua existência. O cristianismo desenvolveu-se num terreno falso, com o propósito de eliminar a cultura de outros povos, contra a realidade que até hoje permanece como um problema pendente admira-se com a figura de cristo e afirma que o cristianismo não é cristo.

Para Nietzsche (*ibidem*, 100), tanto o bom Deus como o Diabo são produtos da decadência, só existiu o único cristão e foi pendurado na cruz e na cruz morreu todo o evangelho. O cristianismo foi até ao presente a maior desgraça da humanidade, o homem de fé é totalmente dependente. O cristianismo fez com que os homens perdessem a herança da cultura antiga; fez a guerra de morte contra tudo. Nietzsche (2003: 25), distingue três tipos de história, a história monumental que consiste na imitação do passado, vê a história como algo repetitivo, está primeira fase da história caracteriza aquelas sociedades em que se optam pela continuação dos actos praticados pelos seus ancestrais, sem nenhuma pré-avaliação da necessidade da tal imitação, tem uma plena consideração do passado em relação ao seu presente, arrisca tudo mesmo sem se for para matar, julgar etc., em nomes dos seus antepassados, como exemplo pode-se destacar as religiões tais; islâmicas e cristianismo.

Segundo Nietzsche (2000: 34) as religiões desde o seu surgimento até os dias actuais, os seus seguidores causaram o pior escândalo a dignidade humana, muitos cientistas na época medieval no reinado da igreja católica que não concordavam com as explicações dos factos foram queimados, crucificados em nome da igreja. Porém, apesar de que actualmente o cristianismo tenta se abster desses actos bárbaros de matar em nome de Deus, ainda continua a desprezar os valores de outros povos que constituem um grave problema nas sociedades contemporâneas, com

essa forma de pensar não se pode edificar uma sociedade harmoniosa, sem que os seus seguidores adote outras interpretações que combine com a actualidade

“A chegada do Deus cristão como o exemplo extremo de divindade até então realizado na Terra trouxe consigo o fenómeno do sentimento extremo de culpa” (NIETZSCHE, 1998: 85). No entanto o fato de Deus ter se feito homem indica que o homem não deve buscar no infinito sua felicidade, mas fundar na terra o seu céu, o que significa que este paraíso só se constrói na relação com outros homens que partem do respeito pela cultura de outros povos, independentemente da religião que cada povo adora, mas acima de tudo deve prevalecer a dignidade humana. Ora, assim como afirmou Heráclito, Nietzsche também considera que tudo é devir. Não há ser nem essência permanentes, nem Deus, nem Satanás. a única realidade objectiva é o mundo material e sensível, e o cerne dessa realidade é o devir perpétuo, o eterno retorno.

3. A Relativização dos valores

O projecto da modernidade pretendia emancipar o homem por meio do uso da razão, técnica e ciência, na expectativa de que isso poderia contribuir no progresso da humanidade. Foi na época Moderna em que surgiram as grandes invenções da humanidade, que permitiram com que as condições da vida do homem pudessem melhorar, isto é, as doenças que outrora era impossível curar com o avanço da medicina permitiu o Homem desenvolver medicamento ou equipamento para curar e também diminuir a dor no tratamento dos pacientes. As viagens que não era possível de devido a falta de meios de transportes, com a descoberta da bússola permitiu ao homem descobrir novos continentes, a invenção da pólvora e a imprensa foram outras grandes invenções da época moderna que de uma ou de outra forma transformaram o mundo “*Modernidade significa rompimento completo com o passado, um novo começo baseado em princípios radicalmente novo*” (KUMAR, 1995: 118).

Na época moderna inicia uma nova era em que o Homem confia exclusivamente no uso da razão, onde a razão estabelece critérios a seguir observados para a validação dos fenómenos naturais e que todo o conhecimento que não observa esses critérios deveria ser banido do campo científico. Isso permitiu o rompimento com a época anterior que tudo estava centralizado em Deus, que tinha todo o poder sobre o Homem, porém na modernidade o homem é o centro das atenções

humanas, e tem a missão de transformar a natureza, é assim que nasce o mecanicismo que defende que tudo deve seguir leis da matemática.

A modernidade configura um diagnóstico sobre a trajetória da racionalidade ocidental, em que se baseiam na promessa de emancipar o Homem e torna-lo autónomo no que concerne as suas decisões na sua vida. Essa forma de pensar entra em contradição com a própria universalização do uso da razão porque foi retirado do campo científico todos os saberes locais, que não seguia os critérios científicos para validar o seu conhecimento. Foi nesse período em que muitas culturas foram discriminadas com a ideia de uma cultura civilizada e superior em relação a outras culturas, iniciando a distinção entre as raças humanas, não se permitia a multiplicidade das ideias ou o pensar diferente “*a modernidade é tanto uma questão de ideias e atitudes quanto de técnicas*” (KUMAR, 1995: 121).

A modernidade entra em colapso na medida em que as suas ideias, não foram concebidas para melhorar a condição humana, porque nesse processo de civilização os indivíduos foram submetidos à ideologia do bem-estar, perderam os seus valores morais, isto é, os ingredientes para a sobrevivência dos povos. O Homem passa a adaptar-se às exigências da realidade social, apesar de as suas iniciativas parecerem boas para o melhoramento da vida do Homem, não se observou as consequências que isso traria para a humanidade.

Para Horkheimer (1976: 183), o Homem tornou-se uma máquina de trabalho, é na modernidade que nasce os Estados para tornar o homem cumpridores de leis, o homem tornou-se um vazio enorme que só se preocupa em trazer algo para casa, ele já é avaliado consoante o seu conhecimento e o Homem está distante de si mesmo. Ora, o projecto da modernidade destruiu o homem com a promessa de um progresso que trouxe a maior crueldade na raça humana, pode observar como um exemplo concreto dessas crueldades as duas guerras mundiais, que destruí e continua a ter efeitos colaterais até actualmente.

Partindo do pressuposto da ideia de que o progresso representa um avanço para humanidade, que consiste em tornar o mundo mais unido, harmonioso, tolerante e sem discriminação, não se pode falar de progresso onde reina a discriminação, intolerância, porque esse comportamento considera-se que seja dos primórdios sim assim o quisermos afirmar, foram as ideias da modernidade que permitiram o epistemicídio de outras regiões do mundo deferente da Europeu.

Para Asante, uma verdadeira ciência parte do local (“place”); este é uma posição epistêmica e cultural a partir do qual qualquer pessoa, que se queira ser “cientista”, argumenta, situa e constrói o seu discurso científico. O place é onde o cientista se deve inspirar para encontrar as suas preocupações científicas e os “valores” que devem orientar qualquer que seja o seu projecto científico. Um cientista local nota-se pelo reconhecimento apriorístico que nutre, etc. e, conseqüentemente, pelo seu uso na escrita acadêmica. Enfim, o place, para Asante, informa-nos sobre as referências da epistemologia, da cosmologia, da axiologia e da estética que o cientista deve seguir em todo o seu empreendimento. O compromisso fundamental e a responsabilidade de um cientista é mostrar ao mundo (ou contribuir ao desenvolvimento da ciência no mundo) o seu “local epistemológico. (ASANTE *apud* CASTIANO, 2013: 44-45).

Ora, legitimar o saber científica como o único que pode ser considerado como conhecimento verdadeiro, porque obedece aos critérios da experimentação. Estaria a negar-se o direito de outros povos que ainda não tem o domínio da ciência para poder interpretar ou produzir conhecimento tendo em conta os crivos da experimentação. Em cada povo existe indivíduos que parte do seu local ou endógeno, para explicar os fenómenos naturais que ocorre dentro ou fora do seu local.

Para Nietzsche (2000: 251), o mundo tornou-se infinito, isto é, cada um pode interpretar a sua maneira, cada povo pode lhe atribuir um significado consoante os seus hábitos. A ideia de um mundo universalizado da modernidade não passa de uma mentira para escravizar e oprimir os outros povos com a ideia da civilização ou de superioridade em relação a outros povos negando a sua existência. Ela parte do pressuposto de que não existe factos eternos e verdades absolutas, tudo pode ser interpretado conforme os hábitos de cada povo.

Não se precisa mais da universalização da verdade ou do uso da razão, que cada povo tenha o seu valor do que é bom e mau para ele, ou melhor ainda que cada povo tenha o seu próprio Deus, a ideia de um povo escolhido para representar os interesses de Deus já não tem sentido porque cada povo pode representar os interesses de Deus.

Como afirma Lyortad (1886: 13), estamos na era de permissividade onde tudo vale para os indivíduos desde que tenha utilidade na sociedade na pós-modernidade o conhecimento é avaliado consoante a sua utilidade. As grandes narrativas que servia de guia para validar um conhecimento foram abandonados, sendo assim, já não é possível a universalização dos valores, porque as metanarrativas que tornavam os valores em comum já não existe.

Nietzsche (2001: 147), faz uma crítica a modernidade por ter afastado os homens de Deus, para o colocar num vazio da ciência (Niilismo ou na desvalorização dos valores supremos) que não se importa com o s estado interior do Homem.

Para concluir este capítulo, diremos o seguinte: o homem jamais poderá ser reduzido a um aspecto de sua realidade ontológica. O homem não é apenas racional – há momentos em que não agimos guiados pela razão, mas sim pelas emoções. O homem é um ser complexo, feito tanto de emoções e sentimentos quanto de razão. A dualidade apolínea e dionisíaca do homem deve ser respeitada, pois representa a condição humana. E as sucessivas tentativas de ‘melhorar’ o homem, impondo-lhe morais ao longo da história, visavam, na realidade, domesticar o homem, esconder sua dimensão dionisíaca, e dar mais relevo à dimensão apolínea. O homem precisa libertar-se de toda moral para que possa se afirmar enquanto homem, para que sua verdadeira essência floresça. É por isso que a relativização dos valores é fundamental, pois ela rompe completamente com o passado, dando espaço a cada homem para criar seus próprios princípios e, assim, dirigir seu próprio destino.

CAPÍTULO – III: O ESPÍRITO DA CRIANÇA ENQUANTO ESPERANÇA PARA A HUMANIDADE

Este capítulo procura fundamentar a emancipação do homem por meio da sucessão triádica das metamorfoses do espírito segundo o pensamento nitzscheano. Argumenta-se que a primeira e a segunda fases não ajudam na formação de uma sociedade livre e emancipada. Apenas a terceira fase, a fase da criança, possui condições suficientes para a afirmação da liberdade integral do homem face a qualquer tipo de autoridade existente. Assim, este capítulo discorre desde as ideias do eterno retorno e do *Übermensch* às três metamorfoses do espírito para mostrar essa emancipação. No ponto 1 articula-se a noção do eterno retorno numa perspectiva ética, onde as acções do homem devem ser de tal modo que o mesmo homem as deseje repetir em suas vidas futuras. No ponto 2, como consequência do niilismo, fundamenta-se a necessidade do *Übermensch*. No ponto 3, são apresentadas as três metamorfoses do espírito, onde se fundamenta a emancipação do homem por via do espírito da criança.

1. O Eterno retorno enquanto percepção ética

Para Nietzsche falar de um fim do mundo, não tem sentido porque se isso fosse verdade já teria ocorrido no passado do Homem, assim que ainda não aconteceu é inconcebível imaginar que isso possa ocorrer no futuro:

“ Mas um dia voltará este conjunto de causas que me tem preso, será por ele que eu de novo serei criado. Voltarei com este sol, com esta terra, com esta águia, com serpente não para uma nova ou melhor ou semelhante: regressarei eternamente para esta mesma vida idêntica a si própria, nas coisas grandes como nas pequenas a fim de ensinar de novo o eterno regresso de todas as coisas” (NIETZSCHE, 2008: 216).

No mundo não há nada de novo, apenas a repetição dos fenómenos. A visão crista sobre a vida eterna não passa de uma invenção para negar este mundo material, acreditando no outro transcendental onde o Homem teria uma vida plena, de que o Homem está neste mundo de passagem. Nietzsche, para contrapor a essa visão pessimista do mundo, retorna aos pré-socráticos, para discutir a teoria do eterno retorno dos fenómenos, ao mesmo tempo para

combater o niilismo e a desvalorização dos valores supremos “*age de maneira que devas desejar viver de novo esta tarefa*” (NIETZSCHE *apud* VATTIMO, 2010: 8).

Nietzsche faz um apelo ao Homem de modo que se dedique as causas terrenas, porque a vida não tem um fim ela pode retornar várias vezes, da mesma que a vivemos hoje, o Homem deve abdicar de dar amor a seres imaginários porque no mundo não há tanto amor para eles, o Homem deve amar o mundo, desejar viver várias vezes que for necessário. É preciso notar que a teoria do eterno retorno pode ser compreendida em duas vertentes cosmologia e moral, a cosmologia como já foi explicado defende a repetição dos fenómenos no mundo.

Nietzsche entende que o ser humano enquanto um ser social tem a responsabilidade das suas acções, isto é, parte do pressuposto de que o Homem é um ser consciente e tem a capacidade de avaliar as suas acções. Desta forma, Nietzsche faz um apelo aos homens para desfrutar da vida ao máximo que possível, e que as suas acções devem ser o motivo de orgulho para eles, caso contrário devem abandoná-los:

“Esta vida, como você a está a vivendo e já viveu, você terá de viver mais uma vez e por incontáveis vezes; e nada haverá de novo nela, mas cada dor e cada prazer e cada suspiro e pensamento, e tudo o que é inefavelmente grande e pequeno em sua vida, terão de lhe suceder novamente, tudo na mesma sequencia e ordem e assim esse instante e eu mesmo. A perene ampulheta do existir será sempre virada novamente e você com ela, partícula de poeira! [...] você quer isso mais uma vez e por incontáveis vezes” (NIETZSCHE, 2001: 230)

A partir da citação acima, entende-se por percepção ética do eterno retorno, como um convite as sociedades para educar os seus cidadãos a ser optimista, a viver de modo que as suas acções sejam repetíveis várias vezes nas suas vidas, porque a cada acção que eles praticarem será repetida. Neste caso é preciso que se tenha em conta a prática do que se faz para a actualidade e que num futuro breve possa retornar as suas acções e não se arrepender de ter as praticado.

2. O surgimento de *Übermensch*

No decurso da história o homem enfraqueceu, devido à falsos valores que lhe foi inculcado pela sociedade, tinha o dever de cumprir sem procurar saber das razões, tendo em conta que foram as autoridades que estabeleceram os costumes “*numa transmutação de todos os valores por meio do qual o homem se emancipará dos valores morais até então aceites [...] o problema da genealogia dos valores morais é para mim problema de primeira importância, porque implica o*

do futuro da humanidade” (NIETZSCHE, 1992: 94-95). Nietzsche para salvar o homem recorre a um profeta da persas que conseguiu superar o problema do bem e do mal, é importante realçar que a questão do bem e do mal é a central do problema que Nietzsche procurou resolver durante a sua vida, porque pensava que ao ultrapassar a questão do bem e do mal seria o triunfo da humanidade.

Segundo Nietzsche (2008: 5). Zarathustra afastou-se dos convívios dos homens para ir viver nas montanhas por dez anos, reflectindo sobre a questão do bem e do mal, onde notou que isso, enfraquece o Homem e que era necessário que ele ultrapasse o problema do bem e mal. Ele percebeu que esses conceitos são invenções humanas, com o triunfo da moral dos escravos, o Homem foi ensinado que todo aquele que faz o bem terá uma vida eterna no céu, e o que faz o mal será castigado no inferno. Esse pensamento permitiu com que o Homem sentisse desdém do seu corpo, onde ele oferecia sacrifícios a Deus para que o salvasse do mal, tratava mal o seu corpo porque este o induzia às coisas mundanas, que eram consideradas como maldade.

Por muitos anos todo o pensamento ocidental se baseia nessas narrativas, de que o Homem bom sempre vence em relação ao Homem mau, essa forma de pensar surgiu com Sócrates que iniciou uma época decadente e que chegou ao auge na época medieval, onde o Homem fazia tudo para agradar o seu Deus, desprezava o seu corpo e a terra.

“Foram os doentes e os moribundos que desprezaram o corpo e a terra, que inventaram o céu e as gotas de sangue redentoras [...] sempre houve muitas pessoas doentes entre aqueles que inventaram e procuram Deus” (ibidem, 28). O Homem acredita que este mundo não o pertence, apenas estava de passagem e que o seu reino estava no céu (transcendental). Diante destas circunstâncias em que o homem se encontra, perderam a sua dignidade, os prazeres da terra satisfazer as necessidades de Deus, porém com a morte de Deus, o homem fica sem dono para mostrá-lo quais os valores a respeitar. É desta forma que Zarathustra regressa para a humanidade para anunciar uma nova era do *Übermensch*, que consistiria no Homem desacreditar em todos os valores que outrora foi inculcado para acreditar.

Para Nietzsche (ibidem, 72), o Homem deve ultrapassar a si mesmo de modo a deixar todos os costumes que o tornara fraco, para voltar a sentir o prazer de viver na terra e desfrutar ao máximo a vida sem desprezar o corpo, se antes era proibido falar mal de Deus então agora é terrível

ultrajar a terra; da mesma forma que o macaco tornou-se motivo de irrisão para o Homem, será da mesma forma que este será para o *Übermensch* que é o sentido da terra uma vez que não acredita em esperanças supra-terrestres, que consiste na ideia de uma vida eterna.

Para *Übermensch* é perigoso o Homem permanecer no mesmo lugar, na medida em que ele é uma ponte de si, e é mais perigoso voltar atrás. O caminho é pela frente, ele deve amar a viver ariscar a sua vida, porque isso o torna melhor e o ajuda aprender o sentido da sua existência, e saberá que não existe nem Diabo e nem inferno que o atormentaram por muito tempo na sua vida. Nada de que uma alma vai para o inferno e o corpo fica na terra, tudo termina na terra. “*O super-Homem é o sentido da terra: que a vossa vontade diga: possa o super-homem ser o sentido da terra: conjuro-vos, irmãos, permaneceis fies a terra e não acreditais naqueles que vos falam de esperanças supra-terrestres*” (NIETZSCHE, 2008: 8).

O *Übermensch* reconhece que na terra, com o abandono do pensamento dos pré-socráticos onde a maior preocupação do homem era a diversão (e isso permitiu lhe que não tivesse tempo para pensar em fazer mal às outras pessoas), o espírito dionisíaco adora a embriaguez, para os pré-socráticos a existências dos opostos é necessária para tornar a vida agradável. O Homem quando é assim terá mais prazer de continuar a viver na terra, uma vez que ele sente-se realizado, porém com o surgimento de Sócrates nasce a ideia de que o oposto deve ser combatido e eliminado, desvaloriza o espírito da embriaguez, iniciando uma nova era da razão, em que será combatido a embriaguez para tornar o homem melhor.

Na actualidade, as sociedades têm enfatizado a ideia de que o lúdico é Homem mau, esquecendo que a razão que eles consideram o auge da humanidade trouxe sofrimento e a maldade para a humanidade na terra, isto é, não se justifica um único Homem ter uma riqueza de sobra enquanto a maior parte de homens passa fome. Os países com mais poderes fazem todo o esforço para enfraquecer ainda mais os países fracos. No entanto, a missão do Homem lúdico é satisfazer-se na terra, evitando causar mal aos outros, os convidando para contribuir em tornar a terra um lugar habitável de alegria, dessa forma que afirma “*o homem alegrou-se ainda muito pouco desde que há homens: só isto, meus irmãos é o nosso pecado original*” (*ibidem*, 81).

O *Übermensch* é alguém que está além do bem e do mal, isto é, ele vive fora do bem e do mal. Para ele o ser humano é o criador dos seus próprios valores, mesmo que seja escravos das suas

invenções, porque ao longo da história verifica-se adoração desses valores como se fosse algo que está acima dos outros homens (povos).

Para Nietzsche (2006: 123), as sociedades actuais optam por educar os homens da sua época a serem obediente aos seus próprios valores e discriminam os valores de outros povos, criando conflitos entre os filhos. A obediência é o que mais se cultiva entres os homens do que uma análise crítica dos valores, o que constituiria um grande avanço para a humanidade, a obediência é o que se herda mais facilmente e é o que prospera à custa da arte de mandar.

“Quero cada vez mais aprender a ver como belo aquilo que é necessário nas coisas, assim me tornarei um daqueles que fazem belas coisas. Amor fati (amor ao destino), seja este, doravante, o meu amor” (NIETZSCHE, 2001: 187-188). Esta expressão usada por Nietzsche pode ser entendida na medida em que os homens se colocam no lugar de outros, por entender que só uma questão do destino, cada um de nós, poderia estar no lugar do outro, por isso não há necessidade de os homens se desprezarem por causa das suas crenças. É preciso aceitar a vida de várias formas como se apresenta, incute o homem a viver o instante, como se não existisse o tempo a seguir, de modo com que um dia, diga valeu a pena o viver com as diferentes culturas, hábitos, valores, porque isso enaltece a condição humana, porém se fizer o contrário empobrecem a condição humana.

A história antiquária que busca no passado o modelo da sua vida, isto é, consiste em viver o passado no presente, considera a vida dos seus antepassados como digna de ser seguida. Para estas sociedades os feitos dos seus antepassados são o exemplo de vida a ser seguida sem nenhuma pré-avaliação dos mesmos na actualidade, o que pode constituir um problema para os jovens uma vez que terão sérias dificuldades para seguir os valores dos seus antepassados, onde entraria num conflitos entre pais e filhos que envolvem a contínua a universalização dos valores antigos. E, por fim, a história crítica consiste em revisitar o passado com uma espécie de ruminagem, isto é, colocar o passado em julgamento:

se o homem que quer criar algo grandioso precisa efetivamente do passado, então ele se apodera dele por intermédio da história monumental; em contrapartida, quem quer fincar pé no familiar e na veneração do antigo cuida do passado como o historiador antiquário; e somente aquele que tem o peito oprimido por uma necessidade atual e que quer a qualquer preço se livrar do peso em suas costas

carece de uma história crítica, isto é, de uma história que julga e condena. (NIETZSCHE, 2003: 25).

3. As três metamorfoses do espírito

A primeira metamorfose do espírito é o camelo, que consiste na conservação dos valores antigos, e sente-se feliz na medida em que os obedece, os cumpre. O homem encontra-se preso aos seus preconceitos, no que tange aos seus valores, hábitos e leis etc. “...o homem bom quer coisas velhas e pretende que sejam conservadas essas velharias” (NIETZSCHE, 2008: 39). Ora, enquanto este homem permanecer preso aos seus preconceitos, não pode fazer nada para o seu bem e para a sociedade em que se encontra inserido. Parte-se do pressuposto de que, o homem assim como a sociedade evolui, não permanece estático no tempo, cada época exige dos seus homens novos desafios, e é necessário que os homens dessa mesma época se preparem para responder aos novos desafios que serão exigidos devido ao desenvolvimento das sociedades.

Segundo Nietzsche (2000: 26), o espírito do camelo é concebido numa realidade em que o mundo é forjado por aparências que nega os valores deste mundo, para afirmar o mundo da essência que é protegido pelo homem, onde emana todas as coisas boas, se esquecendo que a percepção que se tem desse mundo inteligível passa de ilusões. O homem foi incutido a desvalorizar os prazeres da terra.

No cristianismo a moral não está em contacto com a realidade, baseia-se em causas imaginárias tais como: Deus, alma e espírito, neste caso o homem inventou a religião para agradecer esses seres imaginários, que declaram guerra com o instinto de vontade de viver, com natureza “o cristianismo desenvolveu-se num terreno como este completamente falso, onde toda a natureza, todo o valor natural, toda a realidade tinham contra si os mais profundos instintos da classe governante, uma forma de hostilidade de morte contra a realidade, que desde então não foi ultrapassada” (*ibidem*, 54). Nietzsche entende que existe outra concepção sobre a religião que é a melhor que o cristianismo, isto é, o budismo coloca para defender os interesses do homem para combater a luta entre o bem e o mal, levando o homem voltar no seu interior e que não nega os valores, mas avalia o quanto esses valores fortifica o próprio homem.

A segunda metamorfose do espírito é o leão que consiste na conquista e na vontade de poder, isto é, rejeita todos os seus preconceitos “tu deves”, valores, costumes, hábitos etc. a favor do “eu quero”. Observa-se aqui o espírito de vingança, que colocaria a vida do próprio homem em perigo, esta fase do espírito tem a tendência de destruir tudo o que é antigo a favor do nada. Enquanto o homem permanecer nesta fase do espírito não pode projectar a vida que pretende viver “...o perigo do homem nobre não é que se torne bom, mas que se torne insolente, escarnecedor, destruidor” (NIETZSCHE, 2008: 39). Aqui se encontra a profecia do que viria ser o comportamento do Hitler, na tentativa de negar todos os valores antigos em prol dos novos valores, acabou por se tornar o homem mais perigoso do planeta terra. Nietzsche parte desse pressuposto de que com o espírito de vingança não se pode projectar, uma sociedade tranquila, e nem se pode viver uma vida harmoniosa com outros povos.

O espírito do leão representa uma revolta contra a inversão dos valores, que tornaram o homem mais obediente aos sacerdotes que pretende manter o espírito do homem sobre a sua tutela, uma que o considera imaturo para seguir a sua própria vida. Eles encarrega-se dessa tarefa nobre que consistem em manter o homem domesticado, e o leão já não quer continuar a carregar valores decadentes no seu colo, porque deseja a sua libertação e para tal ele precisa renunciar todos os valores que lhe foram inculcado:

Os judeus povo “nascido para a escravidão”, como dizia Tácito e todo o mundo antigo, “ povo eleito entre os povos”, como eles próprios dizem e creem os judeus realizaram aquele milagre da inversão dos valores graças ao qual a vida na terra recebeu, por uns quantos milênios um novo e perigoso atractivo. (NIETZSCHE, 1996: 102).

A terceira Metamorfose do espírito é a criança, onde o homem tem a oportunidade de começar a sua própria história, fazendo uma reflexão crítica das duas metamorfoses, sem se deixar levar pelos valores que o camelo e o leão pregam. Segundo Nietzsche (2008: 23), essa é a fase do espírito em que o homem consegue libertar-se da universalização dos valores, uma vez que não pretende trilhar caminhos que já foram trilhados, porém, observam esses mesmos caminhos com o intuito de criar novos caminhos.

Desde a antiguidade que se iniciou a ideia de universalização dos valores, com a intenção de subjugar outros povos, visto que quem não se adaptasse a essa universalização seria excluído do campos dos humanos e colocado como selvagem. No entanto, com essa forma de querer

universalizar ou organizar o mundo os bons destruíram a raça humana, razão pela qual Nietzsche na boca de Zarathustra, chama o leão para ver se esse, acaba com o bom conservadorismo dos bons hábitos. Mas este tem rancor com o teu passado ou ele não está preparado para libertar a raça humana.

“A criança é inocência e esquecimento, um recomeço, um jogo, uma roda que se move por si mesma, um primeiro movimento, um sim sagrado” (NIETZSCHE, 2008: 23). Nietzsche afirma que é necessário o espírito da criança. Este tem a vontade do poder pela vida, reina a relativização de valores, vê o passado como se fosse um modelo que tem que ser apreciado por ela e não como um modelo a seguir. Só com o espírito da criança é que se pode viver a relativização dos valores e por fim preparar-se-á o surgimento do *Übermensch*, que terá como missão libertar a raça humana da universalização dos valores tradicionais, cristãos, etc.

O espírito da criança representa a vontade de querer começar tudo de novo. Aqueles povos que desejam recriar ou manter os seus valores sabe que “*Nenhum povo conseguiria viver sem criar para si mesmo valores; mas, se que manter-se em vida, não deve ter os mesmos valores que o seu vizinho*” (*ibidem*, 53). Nietzsche afirma que para a sobrevivência dos povos é necessário que cada povo continue a ter os seus próprios valores, na medida em que esses mesmos valores não o submetem a submissão de valores de outros povos.

O espírito da criança não quer mais seguir caminhos dos seus antepassados como modelos perfeitos para as suas vidas. Ela quer viver o instante da sua vida como se tudo fosse acabar no instante a seguir. Apesar dos bons conservadores ainda querer manter a criança sobre a sua tutela, para ela a vida é como um jogo que pode terminar e voltar a reiniciar, ela adora a vida com o amar *fati*.

Em forma de conclusão para este capítulo, diremos que a emancipação do homem no pensamento nitzscheano foi preparada desde as ideais do eterno retorno, *Übermensch*, até as três metamorfoses do espírito. Do eterno retorno, o homem aprende a amar seu destino, compreendendo que nada pode lhe dirigir a não ser ele mesmo. Daí, ele torna-se num *Übermensch*, liberto de toda moralidade apregoada pelos conservadores. Este *Übermensch* irá sintetizar aquilo que Nietzsche, nas três metamorfoses do espírito, chama de espírito da criança, que não é apegado às tradições, aos costumes sociais, que não tem medo do desconhecido, e, por

isso, procura o novo, busca novas experiências, tudo o que é novo lhe cativa, chama a atenção. O espírito da criança é livre para fazer de si aquilo que bem quiser, basta que a figura do ‘pai’ não esteja presente – neste sentido, o ‘pai’, seria Deus e todas suas regras, morais, leis e preceitos. Sem as regras impostas pelo pai, a criança está emancipada por completo.

CONCLUSÃO

Com o desenvolvimento da pesquisa, nota-se que a pergunta de pesquisa, que se configura no objectivo geral do trabalho, e, igualmente, os três objectivos específicos a ela propostos, foram alcançados. Tendo logrado os três objectivos específicos, conclui-se o seguinte de cada um deles:

- (i) A contextualização do pensamento de Nietzsche, que, conforme atestado no trabalho, em sua fase inicial, fundamenta-se sob dois posicionamentos distintos: o de Wagner e o de Schopenhauer. Wagner representa a musicalidade, a dimensão lúdica do homem, o divertimento, o lazer, a irracionalidade, aspectos estes que dominavam a vida do homem grego antigo antes de Sócrates. Assim, Wagner não é outra coisa senão a expressão da dimensão dionisíaca do homem como experiência viva para o pensamento de Nietzsche. Schopenhauer, conseqüentemente, caracterizará Apolo: a dimensão racional, realista, pessimista do mundo.
Embora Nietzsche tenha considerado a dor existente no mundo como algo real, ainda assim, não quer dizer que devemos desprezar este mundo por causa da sua dor ou do pessimismo nele existente. Pelo contrário, o homem deve tornar-se mais forte em relação às dores deste mundo, para, deste modo, poder sentir compaixão pelo próprio mundo. Assim, contra o cristianismo, que defendia um desprezo e desapego ao mundo material, Nietzsche prega o amor *fati*.
- (ii) O abandono do conservadorismo moral e a eliminação dos valores universais para a afirmação da liberdade do homem, o que culmina com a morte de Deus, que é uma consequência inegável do desdobramento do pensamento nietzscheano, pois o conservadorismo só poderá ser rompido quando o fundamento de todos os valores universais (Deus) tiver sido demolido. É deste modo que Nietzsche constrói o seu pensamento até culminar nas três metamorfoses do espírito.
- (iii) A fundamentação da emancipação do homem com base no espírito da criança, que começa, primeiro, por rejeitar as duas primeiras metamorfoses do espírito, pois a primeira e a segunda metamorfoses do espírito não são viáveis para uma possível emancipação do homem, pois na primeira, o homem é comparado a um camelo, um animal de carga, que leva consigo durante toda a sua vida os valores tradicionais sem sequer questionar sobre a necessidade e a utilidade dos mesmos para a sua vida.

A segunda metamorfose do espírito faz uso da metáfora do leão para simbolizar o homem que se encontra cansado de obedecer qualquer que seja a autoridade e a tradição existente e, assim, sua vida será baseada numa tentativa de ruptura com todo o passado, todavia, ele não tem a capacidade de aprender novos valores porque aprendeu que a vida em sociedade só acontece dentro de um quadro valorativo universal. Uma atenção especial deve ser dada a esse espírito, pois ele representa um grande perigo para a sociedade, na medida em que sua atitude de romper com a tradição, sendo movida pelo espírito da vingança, não é capaz de projectar uma sociedade tranquila, muito menos se pode viver uma vida digna e aceitável dentro da sociedade.

A terceira metamorfose do espírito é o campo fértil para a invenção, inovação, crítica dos valores antigos, ousadia de criar e perspectivar novos horizontes para os destinos dos homens, pois o espírito da criança é curioso, não está dominado pela carga histórica do passado, das memórias de um momento melhor do que este. A criança vive o presente sem se preocupar com o passado, ela vive cada instante sem medo do que poderá lhe acontecer no futuro. É deste modo que o homem actual deve orientar sua vida, emancipado de toda a tradição, de toda a história, de todos os valores herdados, de toda a autoridade.

Tendo alcançado o terceiro objectivo específico proposto à nossa pesquisa, conseguimos, por conseguinte, responder à nossa pergunta de partida *'até que ponto a sucessão triádica das metamorfoses do espírito, até a culminação do espírito da criança, possibilita uma emancipação do homem?'* precisamente no terceiro capítulo do trabalho, onde da constatação da insuficiência da primeira e da segunda metamorfose do espírito para fundamentar a emancipação do homem, desagua-se na terceira e derradeira metamorfose, o espírito da criança, que reúne todos os requisitos emancipatórios do homem. Pois, é somente por meio do espírito da criança que a humanidade poderá conviver de maneira harmónica, sem rejeitar sua natureza e sua humanidade dualista.

Chegado aqui, não podemos deixar de fornecer algumas recomendações decorrentes dos resultados desta pesquisa. A saber: O ser humano deve aprender a amar o seu destino, deve aprender a viver neste mundo, pois é o único mundo do qual tem certeza que existe – o mundo

terreno. Se o destino nos apresenta uma vida cheia de prazeres e alegria, devemos abraçar tal oferta. Porém, o mesmo deve ser feito se o oposto acontecer: devemos, igualmente, abraçar nossas dores e infortúnios, devemos amar cada momento, cada instante de nossa realidade existencial.

A crença na existência de um paraíso, defendida pelo cristianismo e as demais religiões, só desvia a atenção do homem para um mundo inútil e ilusório, o que se traduz numa grande perda de tempo. Se o homem concentrar-se em viver neste mundo, nesta natureza, nesta sociedade, compreenderá melhor os problemas actuais, e buscará novas formas de resolvê-los. A maneira que o homem deverá dirigir sua vida, seu destino, e como ele resolverá seus problemas depende exclusivamente dele, pois ele é senhor de seu destino.

Uma releitura de Nietzsche para o tempo actual significa a colocação de um desafio à humanidade: o desafio de ousar pensar e viver por si próprios, de sair da tutela das metanarrativas, de toda espécie de sistema, de tudo o que representa uma forma de hegemonia. Em outras palavras, a releitura do pensamento nietzscheano desafia a humanidade a refazer-se e recriar-se, numa espécie de autorenovação contínua, que virá a acontecer por repetidos ciclos, como um eterno retorno.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Básicas

- NIETZSCHE, F. (2008). *Assim falou Zaratustra*. Trad. M. de Campos. 5. ed. Tito Lyon de Castro
- _____. (2006). *Aurora*. Trad. António Carlos Brango. São Paulo: Escala
- _____. (2003). *Considerações intempestivas: da utilidade e desvantagem da historia para a vida*. Trad. Lemos de Azevedo: Presença
- _____. (2001). *A Gaia ciência*. Trad. Paulo de Sousa. São Paulo: Companhia de letras.
- _____. (2000). *O Anticristo: ensaio de uma crítica do cristianismo*. Trad. Pedro Delfina Pinto dos santos. 10. ed. Lisboa: Guimarães.
- _____. (1999). *O Nascimento da tragédia: helenismo e pessimismo*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Schwarcz.
- _____. (1998a). *Humano, demasiado humano: um livro para espírito livres*. Trad. Paulo César de Sousa. [s.l.; s,n].
- _____. (1998). *Genealogia da moral*. Trad. Paulo Cesar de Sousa, 10 ed. São Paulo: Companhia de letras.
- _____. (1996). *Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. Trad. Paulo César de Sousa. Guimarães
- _____. (1992). *Ecce Homo*. Trad. José Marinho. 7. ed. Lisboa: Guimarães.
- _____. (1990). *A Filosofia na época trágica dos gregos*. [s,l; s.n].
- _____. (1889). *Crepúsculo dos ídolos*. Trad. Delfina Santos. 4. ed. Lisboa: Guimarães.

Obras complementares

ANTISERI, A e REALE, G. (2006). *História da filosofia: de Nietzsche à Escola de Frankfurt*. Trad. Ivo Stoinio. São Paula: Paulus. Vol. 6

ARALDI, C. (2020). *Nietzsche, Foucault e arte de viver*. Pelats. UFPel.

CASTIANO, P. (2013). *Os saberes locais na Academia: condições e possibilidades da sua legitimação*. Maputo: Universidade Pedagógica/CEMEC

LYOTARD, J. (1986). *A Pós-Modernidade explicando às crianças*. Trad. Tereza Coelho. Lisboa: Porto.

LEBRUN, G. (1999). *Obras incompletas*. Trad. Rodrigues Rubens. São Paulo: Nova Cultural Ltda.

HORKHEIMER, M. (1976). *Eclipse da razão*. Trada. Sebastiao Uchoa Leite. Rio de Janeiro. Editorial do Brasil.

KUMAR, K. (1995). *Da sociedade pós-industrial a pós-moderna: novas teorias sobre o mundo contemporâneo*. Trad. Ruy Jungmam. Rio de Janeiro: Ltda.

VATTIMO, G. (2010). *Diálogo com Nietzsche*. Trad. Silvana Cobcci leite. [; s.η]